

ADOLESCÊNCIA: DESAFIOS AOS EDUCADORES

Evilásio A. Ramos

Os adolescentes, tanto pela sua numerosidade como por seus problemas, constituem, nos tempos atuais, sérios desafios aos pais e educadores. De um lado, temos o adolescente — ser atormentado por interrogações, necessitado de auto-afirmação, lutando para adquirir sua identidade pessoal, em busca de um sentido para sua vida. De outro, está a sociedade — instável, com seu pluralismo de valores em céleres mutações, a braços com crise de autoridade, econômica, política, social, moral, espiritual e institucional, retalhada de contradições e conflitos.

Diante de tal situação os jovens sentem-se confusos, inseguros e presa fácil de manipuladores ideológicos e oportunistas. A confusão e insegurança dos adolescentes são agravadas pela confusão ideológica e axiológica daqueles que têm por profissão educá-los — pais e professores. A consequência de tanta confusão e insegurança é, inevitavelmente, a desorientação generalizada, quando não a delinquência, a toxicomania e a criminalidade. Os adolescentes não dispõem de valores capazes de orientá-los na vida com segurança, de fazê-los vislumbrar um futuro promissor.

O adolescente é um ser prospectivo, frui o presente olhando para o futuro, com a esperança de encontrar nele sua realização pessoal e profissional. Mas a vida futura do adolescente, a vida de seus sonhos, é preparada pela sua vida presente, pelo momento histórico que ele está vivendo agora. Acontece porém que a sociedade contemporânea, caracterizada pelo pluralismo cultural e axiológico, e pelo predomínio da racionalidade técnico-científica utilitarista e imediatista sobre a "humanidade" do homem, em vez de facilitar a integração psicossocial dos jovens, dificulta-a ao extremo.

Inseridos nesse contexto social, os adolescentes apresentam aos educadores inúmeros desafios. Na impossibilidade de analisar a

maioria desses desafios, nossa atenção concentrar-se-á em quatro apenas: a espera de uma educação de boa qualidade, que respeite as idiossincracias juvenis, torne-os capazes de superar os condicionamentos sócio-culturais e oriente-os para um projeto de vida baseado na integração dos valores-do-ter e dos valores-do-ser.

1 — POPULAÇÃO ADOLESCENTE

É um fato inquestionável que os educadores vêem diante de si notável quantidade de adolescentes à espera de educação competente e compreensiva. Com efeito, a população do nosso planeta cresceu 20% de 1970 a 1980. No mesmo tempo, o número de jovens de 15 a 19 anos aumentou 23% em cifras absolutas, de 360 milhões saltou para 449 milhões. Em 1980, os jovens de 25 anos para baixo contabilizavam 59% da população do Terceiro Mundo. Na América Latina, em 1980, viviam 360 milhões de pessoas. Destas, 60% compunham-se de jovens de 14 a 24 anos. (1)

Quanto ao Brasil, os adolescentes somavam, na década de 70, 24 888 762 brasileiros com idade entre 10 e 19 anos (Censo de 1970). Conforme o Censo de 1980, chegam a 26 827 325. De acordo com outra informação do IBGE (publicada em *Isto É / Senhor*, de 28.06.89), existem atualmente 57,7 milhões de brasileiros com idade de 0 a 17 anos. Do total de jovens, 43% vivem em estado de carência absoluta, sem as mínimas condições de moradia, educação e alimentação. O analfabetismo em 1981 atingia 31,7% da juventude, em 86 cresceu para 33,8%, só nas áreas urbanas. Na zona rural é de 47,9%. A evasão escolar, na faixa de 7 a 9 anos (idade de 10 milhões de brasileiros), passou de 70,7% para 81,6%. Dentre as causas da evasão a mais citada é a necessidade de trabalhar. Consta que 24,8 milhões de jovens brasileiros nascem em famílias cuja renda mensal é inferior a dois salários mínimos. Na verdade, de cada cinco crianças nascidas no País, quatro pertencem a uma família pobre. Mais: dez mil brasileiros (1%) possuem renda igual à de 70 milhões (50%) juntos. Estima-se que 20 milhões de adolescentes trabalham.

O desafio está em que toda essa massa de adolescentes encontra-se à espera de escolas suficientes e de boa qualidade. Sabemos que o Terceiro Mundo padece de uma crônica insuficiência de escolas. Com o gravame de que muitos adolescentes nem sequer fre-

(1) CZARKOWSKI, Hans. *Juventud en el Tercer Mundo y su situación actual*, Educación vol. 26, 1982, pg. 24-32.

qüentam os bancos escolares porque têm de trabalhar. Mesmo os que freqüentam não raras vezes abandonam os estudos por motivos econômicos, ou porque a escola é para eles uma chateação, quando não um lugar de opressão. O fracasso da escola é por demais proclamado, lamentado e nunca resolvido. Nunca se lamentou tanto como hoje a insuficiência de escolas e a má qualidade da educação escolar. É admitido por todos ser cada vez mais baixo, de ano para ano, o nível intelectual — sem falar da formação do caráter — da maioria dos jovens saídos de nossas escolas. Por quê?

A resposta em coro é que nosso sistema sócio-político-econômico é o grande e principal ou até único culpado. O Estado não tem vontade política para solucionar o problema. Acho que as causas da qualidade inferior da educação se distribuem em três categorias: Estado, educadores e alunos. Ninguém nega que o Estado, em seus três níveis federal, estadual e municipal, retém uma grande parcela de responsabilidade pelo descalabro da educação escolar. Não proporciona as condições necessárias a uma educação de boa qualidade, inclusive pagando salários desestimulantes. Mas ninguém pode negar, em sã consciência, que grande parcela dos educadores também contribui para o fracasso da educação. A pretexto de que ganha pessimamente, oferece aos estudantes educação de inferior qualidade: conteúdos desligados da vida dos alunos e dos problemas que agitam a sociedade, metodologia inadequada e alienante, e relacionamento autoritário com os discentes. Os alunos por sua vez, desestimulados, não investem na aprendizagem o esforço necessário. Estão condicionados a estudar sob pressão das exigências dos professores e não com autonomia, por conta própria, para realizar um projeto de vida consciente e pessoalmente escolhido. Por isso estudam tão-somente o mínimo necessário para passar. Acrescente-se ainda que, em decorrência das deficiências da educação escolar, não sabem ler criticamente um texto. Não será exagero afirmar que a grande maioria só sabe repetir, e mal, as idéias do autor, sem assimilação, recriação, desdobramento. Erich Fromm, em seu livro *TER ou SER?* (Zahar), chamou tais alunos de “alunos-ter” — meros depósitos de idéias alheias.

Teremos educação de boa qualidade quando: a) o Estado oferecer aos adolescentes escolas suficientes, bem providas das condições indispensáveis, e de educadores competentes e compreensivos; b) os professores resolverem, mesmo em condições adversas, ministrar educação (e não apenas carga informativa) embasada não só em compromisso político mas científico também, bem como numa metodologia criativa e questionadora; c) os adolescentes estudarem, não por imposição, mas em virtude de um projeto de vida. . .

2 — RESPEITO ÀS CARACTERÍSTICAS ADOLESCENTES

Uma educação competente e compreensiva depende muito do que o educador pensa dos adolescentes no âmbito da sociedade. A este respeito é possível levantar inúmeras interrogações. Duas porém merecem nossa atenção. Os adolescentes formam uma cultura à parte, uma subcultura ou se comportem conforme a cultura dominante? É possível delinear, numa súmula geral, a fenomenologia do existir adolescente? Saber responder a estas duas questões é pré-requisito imprescindível à montagem de um projeto de educação adequada à adolescência. Aqui nos ocuparemos só da primeira questão, ficando a segunda para outra ocasião.

Começaremos a responder à questão estabelecendo primeiro o que se entende por cultura. “Cultura, descreve Darcy Ribeiro, é a herança social de uma comunidade humana, representada pelo acervo co-participativo de modos padronizados de adaptação à natureza para o provimento de subsistência, de normas e instituições reguladoras das relações sociais e de corpos de saber, de valores e de crenças com que seus membros explicam sua experiência, exprimem sua criatividade artística e a motivam para a ação. Assim concebida, a cultura é uma ordem particular de fenômenos que tem de característico sua natureza de réplica conceitual da realidade, transmissível simbolicamente de geração a geração, na forma de tradição que prevê modos de existência, formas de organização e meios de expressão a uma comunidade humana”. (2)

Darcy Ribeiro destaca, como “componentes fundamentais” da cultura, o *sistema adaptativo*, o *sistema associativo* e o *sistema ideológico*. O sistema adaptativo constitui-se do “conjunto das formas de ação sobre a natureza para a produção das condições materiais de existência das sociedades”. O sistema associativo conjuga “os modos de organização das relações interpessoais para os efeitos da reprodução biológica, da produção e distribuição de bens e da regulação do convívio social”. O sistema ideológico “compreende as idéias e os sentimentos gerados no esforço por compreender a experiência coletiva e por justificar ou questionar a ordem social”. “Seus conteúdos fundamentais são a linguagem, o saber, a mitologia, a religião e a magia, as artes, os corpos de valores éticos e a integração de todos eles em um *ethos* que a concepção de cada povo sobre si mesmo em face dos demais. Neste sentido, o sistema ideológico é uma expressão de toda a cultura, uma vez que cada

(2) *Os Brasileiros: 1 — Teoria do Brasil*, 5.^a ed., Vozes, 1980, pg. 127.

conteúdo desta encontra aí seu reflexo na forma de referências, de explicações e de motivações" (Ib. pg. 129).

Há um aspecto da cultura que merece especial destaque e que os antropólogos denominam de "padrões culturais". São compostos das normas, leis, regras, convenções, valores, pensamentos, sentimentos e ações relativamente homogêneos e socialmente aceitos que o indivíduo deve aceitar e respeitar para que se mantenham o equilíbrio e o funcionamento normal da sociedade. (3)

Essas informações conceituais sobre a cultura nos ajudarão a dar uma resposta à questão se os adolescentes configuram uma cultura própria, à margem da cultura geral, uma subcultura ou simplesmente representam a cultura dominante. Formulando o problema de outra forma: o modo de vida dos adolescentes, enquanto grupo social, exibe os três sistemas fundamentais e os padrões culturais configurativos de uma cultura particular? Os adolescentes possuem como próprio um conjunto de formas de ação sobre a natureza para a produção de condições materiais de suas existências em sociedade? Suas relações interpessoais, seus modos de reprodução biológica e de regulação do convívio social são substancialmente diferentes dos modos como os adultos fazem essas coisas? As idéias, sentimentos e valores que motivam suas condutas são radicalmente distintos das idéias e valores que circulam na sociedade global? Os padrões culturais que regulam suas condutas são fundamentalmente diversos dos padrões culturais da sociedade dominante?

Creio que a resposta mais acertada a essas perguntas é *não*. É fácil observar que os adolescentes vivem suas vidas, organizam suas associações, grupos e movimentos, pensam, amam e comportam-se, em suma, tendo como matrizes os sistemas adaptativo, associativo e ideológico, bem como os padrões culturais da sociedade geral. É verdade que os modos de produção, conservação e reprodução de instrumentos, idéias e técnicas, que constituem a essência da cultura, servem apenas de matrizes à organização, conservação e expansão das existências dos adolescentes nas suas mais variadas manifestações — familiar, social, política, associativa, de lazer etc. Falando mais claro: os adolescentes reproduzem a cultura total, a seu modo e fazendo algumas triagens, mas não deixa de ser uma reprodução.

Jacques Grand'Maison afirma que os jovens buscam "novas orientações", "outros objetivos", uma "sociedade alternativa ou vontade de ver as coisas de *outro modo* (grifo do autor), de viver de

(3) CALDAS, Waldenyr, *O que Todo Cidadão Precisa Saber sobre Cultura Global*, 1986.

outro modo". "Os jovens são portadores não somente de novos objetivos, mas também de novos caminhos para atingi-los". (4) São os movimentos juvenis de protesto e contestação que frequentemente forçam as mudanças sociais. Podemos até mesmo declarar, com Grand'Maison, que "muitos jovens de hoje poderiam testemunhar uma nova consciência pós-capitalista e pós-marxista, que se poderia traduzir nestes termos: em todo o mundo há indivíduos, classes e povos que se levantam para dizer: Valemos por nós mesmos ou somos apenas engrenagens anônimas de vosso capital, de vossa tecnologia, de vosso Partido, em suma, meios de vossa história e não sujeitos de nossa história? Essa nova consciência vai ganhando contorno em milhares de jovens". (5)

Tudo isso é verdade e deve ser contabilizado na coluna das qualidades positivas de nossos adolescentes. Mas nada disso é tão peculiar aos adolescentes que configura uma cultura adolescente à parte. Além disso, tudo quanto acontece entre os adolescentes é o reflexo do que acontece nas outras camadas da sociedade. Os meios de comunicação social inculcam nos jovens a visão de mundo e de homem e os costumes e hábitos da cultura dominante.

Em suma, o fato que temos diante de nós é que os adolescentes, vivendo numa aldeia global, quase unificada pelos modernísimos meios de comunicação, reproduzem, embora a seu modo, a cultura dominante.

O desafio aos educadores está em que, apesar disso, os adolescentes possuem características peculiares que os tornam pessoal e coletivamente diferentes da infância e da idade adulta. E por isso esperam dos educadores uma educação de acordo com suas peculiaridades.

3 — ADOLESCENTE E SOCIEDADE

Os adolescentes não formam uma cultura à parte ou uma subcultura. Mas a cultura e a sociedade marcam-nos profundamente. O adolescente, como qualquer ser humano, é um ser espaço-temporalmente contextualizado, um existente delimitado pelo aqui e agora. O espaço social e o momento histórico limitam e condicionam, e não raras vezes impedem quase totalmente, a realização plena de suas potencialidades e possibilidades pessoais.

(4) *O Desafio dos Jovens: Um Novo Paradigma Profético*, Concilium 20/1985 (5), pg. 131-133.

(5) "Grand'Maison", art. cit., pg. 127.

Mas o adolescente, ser também espiritual, possui a capacidade de transcender a si mesmo e aos condicionamentos sócio-históricos. Graças a esta faculdade pode vivenciar as circunstâncias sócio-históricas, não como determinações enclausuradoras e bloqueadoras, mas como possibilidades de ser uma pessoa o mais possível autônoma no pensar, querer e agir. Eliminar de nossas vidas as limitações impostas pela sociedade é impossível, mas é possível dominá-las, transformá-las e direcioná-las pela nossa reflexão e ação competentes e comprometidas. De objeto da história e das circunstâncias sócio-culturais o adolescente tem que transformar-se, mediante uma educação competente e compreensiva, em sujeito desta mesma história e criador de cultura.

Segue-se que para conhecermos e compreendermos os adolescentes é absolutamente imprescindível a referência à sociedade em que vivem. Escalona é de opinião que a sociedade contemporânea distingue-se por seis características mais em evidência: três negativas — relatividade, jogo calculado e primazia da matéria sobre o espírito —, e três positivas — busca de valores espirituais, sentimento de solidariedade e apreço pela liberdade. (6)

De fato, o *relativismo* impera em todas as atividades humanas, desde os estudos científicos mais rigorosos até as simples opiniões pessoais, passando pelos valores, crenças e princípios norteadores da vida. Nada é definitivo e tudo é provisório. Tal clima, ressalta Escalona, gera "uma situação nebulosa que confunde o homem e o reduz a um torpe peregrinar incerto, a uma sonolência vital que impede o definir-se, a um risco sem sentido... Não é a realidade objetiva e valiosa em si que justifica a minha escolha, mas a conveniência, a eloquência ou a moda" (pg. 55).

Nossa sociedade é *calculista*. Decisões as mais graves — na economia, na política, na moral, em tudo, enfim — são tomadas calculadamente, tendo como únicos critérios os interesses individuais ou de grupos hegemônicos. O objetivo visado não é o bem comum, mas o lucro e a dominação.

Hoje em dia o *que é material tem absoluta primazia sobre o que é espiritual*. Vivemos numa sociedade visceralmente secularizada, materializada. Os valores materiais são intensa e extensamente sobrepostos aos valores espirituais, transcendentais. Basta abrir os aparelhos de TV e os adolescentes têm diante dos olhos, em cascata, apelos irresistíveis à indiscriminada fruição dos bens materiais e dos prazeres. A televisão reflete, mas de forma reforçadora, a mentalidade da sociedade atual. Entanto, confirmam os consultórios dos

(6) ESCALONA, Sara L. *Antropologia e Educação*, Paulinas, 1983, pg. 54-58.

psicoterapeutas, o homem contemporâneo é profundamente atormentado pela solidão, o vazio existencial ou falta de sentido e a ansiedade. Vive uma vida mecânica e vazia, orientada mais pelo modo e a incerteza do que pela certeza e a paz interior. (7)

Nem tudo na sociedade, porém, está marcado pela negatividade. Há alguns sinais de esperança. Um desses sinais é a *inquietação pelo espiritual*. Apesar ou por causa do predomínio dos valores materiais, observa-se, mesmo entre os jovens, uma inquietação em busca de uma vida espiritual mais autêntica. "E a busca, afirma Escalona, por ser inquietação, por ser interrogação, por ser intranquilidade, é altamente positiva. Se há homens intranquilos, há esperança" (Ib. pg. 57).

Outro sinal de esperança é o crescente *sentimento de solidariedade*. Qualquer catástrofe, quer entre nós, quer no estrangeiro, provoca uma onda de solidariedade na maioria das pessoas. A consciência, por exemplo, dos males causados pela poluição, pela destruição da natureza, reúne milhares de pessoas dos mais diversos estratos sociais nos movimentos ecológicos.

Também aumenta cada vez mais o *apreço pela liberdade*. Tanto pela liberdade individual quanto pela liberdade política. Vejam o que está acontecendo nos países socialistas do Leste Europeu. Estão reconquistando sua liberdade individual e coletiva sonhada durante décadas por regimes ditatoriais. O homem hodierno está tomando consciência cada vez mais clara de sua dignidade, de sua capacidade de autodeterminação individual e coletiva, a despeito dos determinismos sociais. Por isso o povo reclama uma participação maior nas decisões políticas, em qualquer nível e de qualquer gênero, que lhe dizem respeito. A defesa da liberdade chega por vezes a um grau de exigência tal que, escreve John Coleman, "as pessoas escolhem em vez de descobrir seus projetos de vida" (8) Daí porque não raro os movimentos reivindicatórios se revestem de uma mentalidade reducionista, cooperativista, vêm os problemas da sociedade inteira sob a ótica de seus interesses classistas.

O fato inegável é que os adolescentes vivem numa sociedade inquestionavelmente etiquetada por um exacerbado relativismo, descarado calculismo e um hegemônico materialismo. Todavia, há indícios de reações saudáveis: inquietação espiritual, espírito de soli-

(7) Ver MAY, Rollo. *O Homem à Procura de Si Mesmo*. 4.^a ed. Vozes, 1973. O tema "sentido da vida e vazia existencial" é explorado em profundidade por Viktor Frankl. Por ex. *Fundamentos Antropológicos da psicoterapia*, (Zahar), *Alla Ricerca di un Significato della Vita*, Milano, Musia, 1974.

(8) *Valores e Virtudes nas Modernas Sociedades*, Concilium 211, 1987(3).

dariedade crescente e amor cada vez maior à liberdade. É por esta sociedade que os adolescentes estão tendo suas personalidades profundamente assinaladas e determinadas. (9)

O desafio consiste em ser proporcionada aos adolescentes uma educação que os liberte do relativismo instabilizador mediante a estruturação de convicções firmes e consistentes (mas não imutáveis), do calculismo interesseiro e individualista mediante a aquisição de uma mentalidade solidária, comunitária e igualitária, do materialismo embrutecedor mediante a posse de valores espirituais e transcendentais. Tudo isso será conseguido se os educadores desenvolverem ao máximo o potencial, existente em alto grau nos jovens, de inquietude espiritual, de solidariedade e justiça, e de amor à liberdade.

4 — EDUCAÇÃO DOS ADOLESCENTES

Os três desafios anteriores tornam ainda mais exigente o desafio da educação. Estamos pensando na educação como processo pelo qual pessoas experimentadas e preparadas conduzem o adolescente, mediante relacionamento dialógico, a uma consciente elaboração e realização de um projeto de vida, descoberto conforme a personalidade do adolescente e as contingências sócio-históricas. Embora socialmente contextualizado, o adolescente deve ser visto como sujeito de sua educação e não como mero de condicionamentos sociais e ideologias predominantes de educadores que, em teoria, respeitam a liberdade pessoal, têm uma práxis educativa condicionadora e manipuladora das consciências em desenvolvimento.

Adolescente e sociedade, na presente economia das existências humanas concretas, são duas realidades que se completam e se explicam. O adolescente porém não está na sociedade como a água está na esponja e nem está apenas "embebido" de sociedade como a esponja está de água. A sociedade constitui, através de representações mentais, o "conteúdo" da vida psíquica do adolescente e forma, juntamente com o eu, a personalidade dele.

Evidentemente, o adolescente, sendo ainda intelectual e emocionalmente imaturo, pode deixar-se conduzir passivamente pelos outros, pela sociedade. Pode ser literalmente plasmado e modelado pelos condicionamentos sócio-históricos. Isto é confirmado por uma pesquisa feita entre cerca de mil adolescentes. Por ela sabemos que

(9) RAMOS, Evilásio A. "Ser e Ter na Adolescência," *Educação em Debate* n.º 12, 1986, pg. 81-106.

98,1% dos adolescentes organizam seu projeto de vida conforme o figurino de nossa sociedade capitalista. Ou seja, esses jovens têm por ideal de vida uma realização pessoal assentada na acumulação de bens materiais. Apenas 1,9% acalenta um projeto de auto-realização baseada no ser-pessoa (10). Escalona nos adverte que "a questão radical que todo homem se propõe a si mesmo de forma dramática é o por quê e o para quê de sua existência. Não se pode viver ingenuamente. O homem exige uma razão que fundamenta seu estar no mundo. (11) A resposta a essa questão vital do sentido da vida está sendo dada pelos adolescentes de acordo com a mentalidade materialista, hedonista e consumista de nossa sociedade.

Temos aí um fato indiscutível.

O desafio aos educadores está precisamente em reverter essa situação. Como? Com uma educação que oriente os adolescentes a buscarem um sentido para suas vidas num projeto existencial enraizado na integração adequada dos valores do ser e do ter. (12).

5 — EM SUMA...

Em suma, uma educação competente e compreensiva atenderá a esses quatro desafios. Para alcançar esse objetivo, os futuros educadores devem:

- conhecer cientificamente os adolescentes;
- compreendê-los, ou seja, intuir o significado profundo e muitas vezes oculto de suas condutas;
- ter um projeto educativo para os adolescentes. Mesmo sendo certo que adolescência, no seu atual significado, é um fenômeno sócio-historicamente criado, ela é de fato uma realidade que aí está desafiando os educadores, com suas idiossincrasias, seus interesses peculiares e necessidades psicobiológicas, psicossociais e espirituais próprias. Não chega a constituir uma cultura particular, mas vive a cultura dominante a seu modo. Por isso é considerada, com relação à infância e à idade adulta, uma fase, se não desligada, certamente autônoma, com seus problemas distintos. (13)

(10) Ver RAMOS, Evilásio A. art. cit.

(11) ESCALONA, ob. cit. pg. 93.

(12) Para uma análise do Ser e do Ter como formas de existência, ver FROMM, Erich. TER OU SER?, 2.^a ed., Zahar, 1979.

(13) Ver HURRELMANN, Klaus. *La fase juvenil em e^o curso vital humano*, Educación vol. 39, 1989.